

O USO DE MEMES COMO RECURSO NA ELABORAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS EM HISTÓRIA NO CONTEXTO DA CULTURA DIGITAL

THE USE OF MEMES AS A RESOURCE IN THE DEVELOPMENT OF TEACHING MATERIALS IN HISTORY WITHIN THE CONTEXT OF DIGITAL CULTURE

EL USO DE MEMES COMO RECURSO EN LA ELABORACIÓN DE MATERIALES DIDÁCTICOS EN HISTORIA EN EL CONTEXTO DE LA CULTURA DIGITAL

Myllena Silva¹
André Luiz M. Cavazzani²

Resumo

Este artigo analisou o potencial dos memes como recurso didático no ensino de História, com foco na elaboração de livros didáticos voltados à educação básica. Considerando as transformações contemporâneas no cenário educacional, intensificadas pela cultura digital e pelas mudanças estruturais pós-pandemia, investigou-se de que maneira os memes podem atuar como dispositivos de mediação entre os repertórios culturais dos estudantes e os saberes históricos escolares. Com base em revisão bibliográfica, discutiu-se a inserção crítica e contextualizada dessa linguagem no processo de ensino-aprendizagem, destacando a importância de sua utilização orientada por fundamentos teórico-metodológicos sólidos. Por fim, propôs-se uma estratégia de aplicação prática que articula o uso de memes à valorização do território vivido e à promoção de uma educação histórica crítica e situada.

Palavras-chave: história; memes; cultura digital; ensino fundamental; livro didático; educação histórica.

Abstract

This article analyzed the potential of memes as a didactic resource in History education, with a focus on the development of textbooks aimed at basic education. Considering contemporary transformations in the educational landscape - intensified by digital culture and post-pandemic structural changes - the study investigated how memes can function as mediating devices between students' cultural repertoires and historical knowledge. Based on a bibliographic review, the discussion emphasized the critical and contextualized integration of this language into the teaching-learning process, highlighting the importance of its use grounded in solid theoretical and methodological foundations. Finally, a practical application strategy was proposed, linking the use of memes to the appreciation of lived territory and the promotion of a critical and situated historical education.

Keywords: history; memes; digital culture; elementary education; textbook; historical education.

Resumen

Este artículo analiza el potencial de los memes como recurso didáctico en la enseñanza de la Historia, con énfasis en la elaboración de libros de texto dirigidos a la educación básica. Considerando las transformaciones contemporáneas en el ámbito educativo, intensificadas por la cultura digital y los cambios estructurales posteriores a la pandemia, se investigó cómo los memes pueden actuar como dispositivos de mediación entre los repertorios culturales de los estudiantes y los saberes históricos escolares. Con base en una revisión bibliográfica, se discutió la inserción crítica y contextualizada de este lenguaje en el proceso de enseñanza-aprendizaje, destacando la importancia de su uso orientado por fundamentos teórico-metodológicos sólidos. Finalmente, se propuso una estrategia de aplicación práctica que articula el uso de memes con la valorización del territorio vivido y la promoción de una educación histórica crítica y situada.

Palabras clave: historia; memes; cultura digital; educación básica; libro de texto; educación histórica.

¹ Graduanda em História no Centro Universitário Internacional - UNINTER.

² Professor no Centro Universitário Internacional - UNINTER.

1 Introdução

O cenário contemporâneo da educação tem sido marcado pela integração das tecnologias digitais como uma realidade incontestável, que transforma significativamente não apenas nossa vida cotidiana, mas também os processos educacionais.

Nesse cenário, a pandemia da covid-19 potencializou uma transformação estrutural das práticas educacionais, acelerando processos de plataformização e reconfigurando o papel da escola, que entra, ao que parece, sem retorno, na Era Digital. Nóvoa e Alvim (2021) caracterizam esse contexto como “fim do longo século escolar”. Para os autores, vive-se uma transição entre o paradigma da escolarização de modelo prussiano, disciplinar, pautada pela centralidade do espaço físico e do tempo cronológico da sala de aula, para um novo regime de aprendizagem. Regime esse pautado por objetivos difusos, assentado na lógica da produtividade, da conexão permanente e do trabalho imaterial. Esse deslocamento, contextualizado por Lopes e Cavazzani (2024) no marco do Antropoceno (em que as ações humanas impactam de forma inédita e definitiva os sistemas ecológicos, sociais e simbólicos) exige, claro, repensar a função da escola e, no caso da pesquisa em História, repensar as questões do tempo, da mediação e da construção coletiva do saber como centrais para a crítica da racionalidade tecnológica dominante. Assim, colocando-nos no lugar de um pesquisador historiador que não é professor, mas, ainda sim, trabalha no mercado editorial e produz livros didáticos, este artigo coloca a seguinte questão: é possível utilizar MEMES como suporte didático em livros escolares para a educação básica e fundamental?

Reconhecidos como uma potente, promissora e difundida forma de comunicação contemporânea, os MEMES também devem ser problematizados. No contexto educacional, por exemplo, qual sua eficácia e revelância para a aquisição do conhecimento histórico de forma crítica e reflexiva? Pensando na educação histórica, por exemplo, como os memes podem ser utilizados de maneira apropriada e produtiva para facilitar a compreensão de conceitos históricos complexos? Como garantir que sua utilização não apenas seja entretenimento vazio mas, também, promova uma reflexão profunda sobre o passado em que a capacidade de interpretar e contextualizar informações históricas é essencial para a formação de um cidadão? E fim, considerando a redação de um livro didático destinado ao ensino fundamental, como os memes podem ser mobilizados como instrumentos pedagógicos promovendo engajamento, despertando a curiosidade e fomentando uma compreensão crítica dos processos históricos?

Nesse sentido, este artigo propõe explorar o potencial dos memes como dispositivos de mediação histórica, capazes de aproximar os estudantes dos conteúdos curriculares por meio de

narrativas visuais que dialogam com seu repertório cultural e cotidiano digital. Mais do que simplificar conceitos, a proposta visa promover uma aprendizagem significativa, em que o meme não é apenas um gatilho para atenção, mas também um operador de leitura crítica do passado — articulando linguagem contemporânea, análise historiográfica e escuta ativa das juventudes.

2 Metodologia

A metodologia adotada para esta pesquisa define-se como uma revisão de literatura narrativa fundamentada em pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, foram consultados artigos científicos, dissertações e livros com destaque para os livros *Educar com a Mídia e Pedagogia do Oprimido*. A análise dessas obras foi conduzida de forma a buscar instrumentos teórico, críticos e metodológicos para embasar a proposta de uso de meme em livro didático. Foram identificadas abordagens teóricas e conceitos relevantes para o estudo em questão.

3 Discussões teóricas e resultados

Antes de abordar o MEME, esse elemento característico das dinâmicas de produção simbólica no contexto das novas tecnologias da comunicação, é preciso conceituá-lo. Para tanto, recorre-se à análise de Guerra e Botta (2022), que propõem compreender o MEME como um “artefato comunicacional e cultural que, ao condensar signos e sentidos, articula elementos textuais e visuais para provocar efeitos retóricos de crítica, ironia ou engajamento emocional” (Guerra; Botta, 2022, p. 78). Segundo as autoras, o meme se estrutura a partir de uma matriz comunicacional replicável e adaptável, cuja potência reside justamente na capacidade de circular, ser apropriado e ressignificado em diferentes contextos socioculturais.

Do ponto de vista histórico, a ideia de “meme” foi inicialmente cunhada por Richard Dawkins em 1976, no livro “O gene egoísta”, como uma unidade de transmissão cultural que, assim como os genes, se replica e evolui por seleção. A palavra não é um acrônimo como se poderia pensar. Antes, trata-se de um neologismo, derivado do grego Mímea (imitação). Se é verdade que esse conceito é muito anterior às redes sociais bem como às demais tecnologias da comunicação contemporâneas, como explicam Guerra e Botta, esse conceito foi ressignificado na era digital, passando a identificar “formas expressivas multimodais que emergem da cultura participativa das redes e atuam como dispositivos de construção simbólica e disputa narrativa” (Guerra; Botta, p. 80, 2022).

Ao examinarmos o papel das novas tecnologias digitais, a difusão dos MEMES encontrou impulso com o uso dos *smartphones*, que chega a ser onipresente na sociedade

contemporânea. Sua presença é cada vez mais marcante em diversos aspectos de nossas vidas, inclusive na educação, em que surgem desafios significativos para os educadores. No entanto, surge uma questão intrigante: será possível conciliar a diversão proporcionada pelas novas tecnologias e pelas redes sociais, incluindo-se os MEMEs, com os métodos tradicionais de educação? Ainda que no século passado, Paulo Freire e Sérgio Guimarães já refletiam sobre novas mídias (hoje velhas) e seu impacto na educação e sociedade. Para eles...

O desafio colocado pelas novas mídias aos educadores passa pela compreensão sobre como os meios de comunicação podem dialogar com as alunas e alunos, e se são capazes de criar possibilidades para que os estudantes se aproximem da temática estudada com mais interesse; abrindo, inclusive, as veredas para que eles desenvolvam um olhar crítico acerca do próprio conteúdo que as mídias apresentam (Guimarães, 2012, p. 14).

Ainda, para os mesmos autores

Havia, já naquela época, por exemplo, o costume de se conversar um pouco com as crianças, no início do dia, para que elas contassem coisas. Era “a hora das novidades”. Aí as crianças podiam se manifestar livremente, perguntar o que quisessem para a gente etc. Pois bem: essa “hora” era frequentemente preenchida por coisas que os alunos tinham visto na televisão, em fotonovelas, em histórias em quadrinhos; alguém tinha ouvido no rádio uma notícia, enfim: eram informações, ideias, fatos que não tinham sido levados a eles pela escola, mas pelos meios de comunicação (Guimarães, 2012, p. 30).

Reitera-se que, ainda que feita no contexto do século XX, as observações de Paulo Freire e Guimarães (2012) permanecem extremamente atuais, quando são transpostas para a realidade das redes sociais e das plataformas digitais que hoje ocupam o lugar antes reservado à televisão e ao rádio. O “momento das novidades” vivido pelos estudantes contemporâneos se dá, frequentemente, no ambiente digital, onde conteúdos são consumidos, compartilhados e ressignificados de maneira contínua. Nesse contexto, os memes emergem como forma condensada de comunicação, que mistura humor, crítica social e comentário político, operando como síntese de interpretações e sensibilidades do tempo presente. Sua popularidade entre jovens e adolescentes o torna um recurso pedagógico com potencial de mediação entre a cultura escolar e a cultura digital.

Cultura digital, por sua vez, entendida aqui, em acordo com Gláucia da Silva Brito e Maria Luisa Furlan Costa (2020) como um conjunto emergente e multifacetado de práticas sociais que se estruturam a partir do uso intensivo das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Segundo as autoras, trata-se de um “termo novo, atual, emergente e temporal”, que articula inovações tecnológicas, conexões em rede e novas formas de interação,

comunicação, compartilhamento e ação na sociedade contemporânea (Brito; Costa, 2020, p. 2).

Nesse contexto, os memes não devem ser vistos apenas como ferramentas de entretenimento, mas como artefatos culturais que expressam visões de mundo, constroem representações históricas e atuam na produção simbólica do cotidiano. Em vez de traduzir conteúdos escolares para uma linguagem juvenil supostamente mais palatável, o desafio proposto ao professor de História — mas também ao historiador que visa produzir recursos didáticos para uso das escolas — é analisar quais narrativas sobre o passado estão sendo mobilizadas, quais estereótipos são reproduzidos ou subvertidos, e como essas manifestações participam da construção da memória coletiva. A leitura de memes, portanto, exige um instrumental teórico e metodológico compatível com a análise de fontes históricas, permitindo ao historiador perceber continuidades e rupturas nas formas de produzir sentido histórico.

Nessa direção, é fundamental deslocar a atenção da pergunta: como tornar as aulas mais divertidas? Como tornar um livro didático mais vendável ou divertido? Para uma outra problematização que nos parece primordial: como desenvolver a capacidade crítica dos estudantes diante das linguagens que já fazem parte de seu cotidiano? Em vez de apenas integrar tecnologias por sua atratividade, o ensino de História e os livros didáticos, que o suportam, podem assumir os memes como objetos de análise, abrindo espaço para a interpretação, o debate e o confronto de ideias. Tal abordagem recoloca o livro didático — especialmente aquele voltado à educação básica — como um mediador entre a linguagem dos estudantes e os saberes históricos, permitindo que a aprendizagem ocorra em diálogo com os códigos culturais já presentes no cotidiano juvenil.

Incorporar os memes como recurso editorial, portanto, não significa aderir a uma lógica de entretenimento simplista, mas promover espaços de elaboração crítica, em que o passado é reinterpretado à luz das linguagens contemporâneas. Nesse contexto, o papel do bacharel em História, enquanto autor ou consultor de materiais didáticos, é decisivo: trata-se de produzir livros que formem leitores atentos às representações históricas, sensíveis às disputas de sentido e capazes de historicizar os discursos que circulam nas redes. A incorporação consciente dessa linguagem ao livro didático, por fim, não substitui a análise documental tradicional, mas amplia suas possibilidades expressivas e críticas, favorecendo uma educação histórica mais conectada com as experiências e inquietações do presente.

Ainda sim, quanto mais em um contexto em que os alunos sofrem os assédios de tecnologias hiperestimuladoras, a questão lúdica é fundamental. Em uma experiência de estágio, realizado pela coautora deste artigo, foi comum observar alunos interagindo com o professor sobre temas gerais da história. A interação aumentava bastante ganhando dinâmica e

empolgação quando os MEMES eram utilizados. Ficava evidente que o uso dessa linguagem despertava um maior interesse e curiosidade nos alunos para compreender a história por trás da linguagem humorística. Essa proposta de incluir algo mais lúdico no ensino é reiterada por Paulo Freire e Sérgio Guimarães, neste excerto:

[...] Quando, por exemplo, se programava alguma atividade com uma musiquinha de um cantor mais conhecido-colocando, às vezes, conteúdos de sala de aula-, a gente percebia que isso as motivava mais. Elas cantavam melhor, porque já sabiam as músicas (Freire; Guimarães, 2012, p. 30).

Ou seja, a utilização desses mecanismos em sala de aula pode ser uma ferramenta pedagógica eficaz, permitindo a transmissão de conceitos históricos complexos de forma acessível e envolvente para os alunos. Entretanto, deve-se sempre estar atento para que o uso de uma estratégia divertida não se reduza a uma abordagem tradicional em que os estudantes ficam passivos. Na educação histórica, não devemos tratar o aluno apenas como um receptáculo de conteúdo, descambiando para uma educação bancária, nos termos de Paulo Freire. Pelo contrário, é fundamental compreender os alunos (público alvo do material didático) como um indivíduo único e futuro cidadão. Devemos nos aproximar desses alunos/leitores e buscar compreender sua realidade, preparando-os para uma participação ativa na sociedade contemporânea:

[...] Cada vez, numa escola de rede municipal de São Paulo que realiza uma reunião de quatro dias com professores de dez escolas da área para planejar em comum suas atividades pedagógicas, visitei uma sala em que expunham fotografias das redondezas da escola. Fotografias de ruas enlameadas, de ruas bem-postas também. Fotografias de recantos feios que sugeriam tristeza e dificuldades. Fotografias de corpos andando com dificuldades, lentamente, alquebrados, de caras desfeitas, de olhar vago. Um pouco atrás de mim dois professores faziam comentários em torno do que lhes tocava mais de perto. De repente, um deles afirmou: 'Há dez anos ensino nesta escola. Jamais conheci nada de sua redondeza além das ruas que lhe dão acesso. Agora, ao ver esta exposição de fotografias que nos revelam um pouco de seu contexto, me convenço de quão precária deve ter sido minha tarefa formadora durante todos esses anos. Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico e social dos educandos?' (Freire; Guimarães, 2012, p. 79).

Portanto, historiadores que se propõem a escrever livros didáticos devem considerar, desde a concepção do conteúdo, a inserção dos estudantes em contextos sociais e geográficos específicos. O ponto de partida não deve ser apenas a transmissão linear de saberes históricos, mas a articulação entre esses saberes e a realidade local vivida pelos alunos. Nesse sentido, é recomendável que o autor inclua dispositivos pedagógicos que permitam ao professor mobilizar o território da escola como fonte e objeto de leitura histórica. A incorporação de ferramentas tecnológicas contemporâneas, como memes, tema deste artigo, mapas colaborativos, registros

fotográficos e narrativas digitais, pode funcionar como meio de expressão e crítica social, evidenciando experiências concretas e demandas por transformação social.

A produção didática deve, portanto, orientar o professor a criar situações de aprendizagem em que o conteúdo curricular dialogue com o cotidiano dos educandos, promovendo a leitura crítica da realidade e a construção de vínculos entre passado e presente. Ao planejar capítulos, atividades ou seções interativas, o historiador deve incluir sugestões metodológicas que incentivem o levantamento de memórias locais, a análise de espaços urbanos próximos à escola e a valorização de saberes comunitários. Como orienta Paulo Freire, ensinar pressupõe abertura ao contorno geográfico e social dos educandos. Negar esse entorno é comprometer a função formadora do ensino de História.

Isso posto, apresenta-se uma proposta prática de como um historiador bacharel que elabora um manual didático e um guia para o professor (do ensino fundamental e/ou médio) pode utilizar o MEME como recurso didático. Em nossa pesquisa bibliográfica nos deparamos com o trabalho de Neuza de Fátima da **Fonseca** (2019), que sugere em sua dissertação o uso de imagens do filme *Os Inconfidentes* (De **Andrade**, 1972) para a construção de interpretações históricas por meio cinema. Nós expandimos essa proposta para a utilização de MEMES, incorporando, a dimensão loco-regional entendida aqui como, reconhecimento do território como fruto de um processo histórico tensionado pelas diferenças sociais, tal como sugerido anteriormente por Freire e **Guimarães**.

Em primeiro lugar, deve se partir do pressuposto que o MEME produzido e posteriormente introduzido no livro didático não deve apenas conectar passado e presente, mas também vincular a experiência histórica nacional a elementos concretos da realidade vivida pelos estudantes, valorizando sua inserção social e cultural no processo formativo.

Uma sugestão é a de utilizar uma imagem de Tiradentes encarcerado, em expressão introspectiva, tal como retrata-se no filme *Os Inconfidentes* (De **Andrade**, 1972) com a legenda: “*Reclamando do transporte público... mas planejando a próxima revolução.*” Retomando o excerto anterior de Freire e **Guimarães**, que dão conta de uma escola situada em uma região precarizada, essa imagem e legenda, situada na lógica do humor crítico dos memes, pode ser justaposta, no manual, a uma fotografia real do entorno da escola que exponha casos de situações de descaso e ineficiência de serviços como transporte, saneamento, pavimentação das vias urbanas. A partir disso, propõem-se perguntas no manual do aluno: que formas de opressão ou resistência aparecem em sua comunidade? Como a ideia de liberdade se relaciona com as condições concretas de vida ao seu redor? O que o olhar de Tiradentes comunica, considerando a estética do filme e o contexto histórico da Inconfidência?

No guia do professor, pode se orientar a mediação entre essas imagens e a discussão sobre o direito à cidade, o acesso aos serviços públicos e a noção histórica de cidadania — retomando, nesse ponto, por exemplo, a concepção formulada por Henri Lefebvre (1968), para quem o direito à cidade não é apenas o direito de acesso aos espaços urbanos, mas o direito de transformá-los a partir das necessidades sociais e coletivas.

Assim, o sujeito é situado historicamente e inserido em uma realidade social que deve ser considerada no processo de ensino. Em diálogo com Paulo Freire, que critica a educação bancária e defende a valorização dos saberes do território vivido, a atividade pode promover o reconhecimento das assimetrias urbanas e políticas que atravessam a experiência escolar. Nesse sentido, o direito à cidade é também o direito de reconfigurar as relações de poder que moldam o espaço urbano bem como reconhecer suas historicidades.

Ao fim, defende-se aqui que, tomando essas precauções, o uso de memes como dispositivo didático pode adquirir uma função ampliada em que se estimula a leitura crítica da história por meio de linguagens digitais, mas também favorece o mapeamento simbólico das desigualdades, contribuindo para uma formação histórica situada e socialmente engajada.

4 Considerações finais

O presente artigo analisou o potencial dos memes como recurso pedagógico no ensino de História, com foco na produção de livros didáticos voltados à educação básica. Reconhecendo o impacto das tecnologias digitais na reconfiguração da cultura escolar, argumentou-se que os memes, enquanto artefatos comunicacionais contemporâneos, podem operar como dispositivos de mediação entre os códigos culturais juvenis e os saberes históricos. Sua utilização, entretanto, requer mediação crítica, ancorada em fundamentos teórico-metodológicos sólidos, para evitar reduções caricaturais ou abordagens meramente recreativas. A proposta, portanto, não se limita a “tornar o conteúdo mais atraente”, mas a fomentar práticas educativas que desenvolvam a capacidade interpretativa dos estudantes frente às múltiplas linguagens que atravessam sua experiência cotidiana.

Partindo da discussão sobre o “fim do longo século escolar” (Nóvoa; Alvim, 2021) e da transição para um regime de aprendizagem permeado por fluxos digitais e trabalho imaterial, o artigo destacou que a função do livro didático também precisa ser redimensionada. O historiador que atua no mercado editorial não deve ignorar as transformações políticas e tecnológicas do presente e os dilemas daí decorrentes. Pelo contrário, é sua responsabilidade produzir materiais que incentivem a leitura crítica das representações históricas, dialoguem com

os repertórios simbólicos dos estudantes e incluam metodologias capazes de relacionar o conteúdo curricular às realidades locais. Ao incluir atividades que envolvam a produção e interpretação de memes, o manual se torna um espaço em que a linguagem digital não é subproduto do ensino, mas parte constitutiva da formação cidadã e histórica.

Conclui-se, portanto, que é viável e necessário incorporar memes de forma crítica e contextualizada na produção de livros didáticos. Para isso, é fundamental que o historiador — ainda que não esteja diretamente em sala de aula — compreenda o papel formador do material que produz. A experiência relatada, baseada na dissertação de **Fonseca** (2019) e ampliada neste artigo com a proposta loco-regional inspirada por Paulo Freire e autores do Direito à Cidade, aponta que o meme pode ser mais do que um recurso visual atrativo: pode mobilizar debates sobre memória, identidade, desigualdade e transformação social. Ao articular linguagem contemporânea, a História, a Memória e a atenção ao território, o uso de memes pode contribuir para uma educação histórica mais situada, crítica e politicamente implicada.

Em vias de conclusão, este artigo buscou oferecer subsídios iniciais para a formulação de práticas pedagógicas que incorporassem recursos digitais e estratégias voltadas ao estímulo da criatividade no ensino de História. Espera-se que as reflexões apresentadas possam ser úteis para pesquisadores interessados em diversificar suas abordagens didáticas no contexto da cultura digital.

Referências

BRITO, G. da S.; **COSTA**, M. L. F. Apresentação – Cultura digital e educação: desafios e possibilidades. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, e76482, 19 dez. 2020. DOI: 10.1590/0104-4060.76482. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/76482>. Acesso em: 24 jul. 2025

DE **ANDRADE**, J. P. de. **Os Inconfidentes**. Co-produção Brasil/Itália, 1972. Drama histórico, 100 min. Direção de Joaquim Pedro de Andrade; roteiro de Joaquim Pedro de Andrade e Eduardo Escorel; elenco: José Wilker, Luís Linhares, Paulo César Peréio, Fernando Torres.

FREIRE, P.; **GUIMARÃES**, S. **Educar com a Mídia**: Novos diálogos sobre educação. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. 238 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019. 144 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 87. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. 253

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FONSECA, N. de F. da. **Os Inconfidentes e o Barroco**: uma metodologia para o professor de História da Arte. 2019. 253 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional Uninter, Curitiba, 2019.

GUERRA, C.; BOTTA, M. G. O meme como gênero discursivo nativo do meio digital: principais características e análise preliminar. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 12, n. 3, jul. - set. 2018. DOI: 10.14393/DL35-v12n3a2018-17. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/download/40639/24002/185738>. Acesso em: 24 jul. 2025.

GUIMARÃES, S. **Ensino de história e saber escolar**: o currículo em questão. Campinas: Papirus, 2012.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2009-2010 .

LOPES, L. F.; CAVAZZANI, A. L. Um instante por favor meu filho está me chamando: notas sobre maternidade e trabalho pós-março de 2020 a partir do Youtube. **REVISTA INTERSABERES**, [S. l.], v. 17, n. 41, p. 616–635, 2022. DOI: 10.22169/revint.v17i41.2342. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2342>. Acesso em: 24 jul. 2025.

NÓVOA, A.; ALVIM, Y. C. Os professores depois da pandemia. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, e249236, 2021. DOI: 10.1590/ES.249236. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.249236>. Acesso em: 24 jul. 2025.

Data de submissão: 24/07/2025

Data de aceite: 07/08/2025